

AS IDEIAS PEDAGÓGICAS DE PESTALOZZI (1746 — 1827)

1 — *Alguns traços biográficos*

João Henrique PESTALOZZI tem um lugar excepcional na história das ideias pedagógicas. Antes de expor o seu pensamento parece-nos indispensável esboçar alguns dos seus traços biográficos. Como acontece com todos os grandes caracteres arrebatados por um ideal não se pode neles separar a obra do homem. Ao contrário de outros pedagogos contemporâneos, tem ele merecido alguma atenção dos escritores e dos educadores portugueses¹.

Nasceu em Zurique, na Suíça, originário de uma família de reformados italianos que emigrara para aquele país no século XVII. Era filho de um médico e oculista que não ligara importância demasiada à educação dos filhos, João Baptista Pestalozzi. Quando este faleceu, precocemente, deixou os cuidados da administração do seu lar a uma criada dedicada, Barbara Schmid, ou *Babeli*, que auxiliou a viúva,

¹ Agostinho da Silva, *Vida de Pestalozzi*, edição do autor, 95 págs.

F. J. Cardoso, *Pestalozzi. Influência das suas ideias na educação moderna*. Sep. da Secção de Cultura do «Boletim Escolar», Edição do Centro de Publicações Escolares, Porto, 1935, 33 págs.

Sousa Costa, *Pestalozzi, o mestre-escola*, Academia das Ciências de Lisboa, Sep. das Memórias, Classe de Letras, T. V., Lisboa, 1948, 10 págs.

Suzana Hotz, nesta difícil tarefa porque eram extremamente modestos os recursos do casal.

João Henrique frequentou a escola primária, igual a todas as outras do seu tempo em que o mestre inspirava mais o terror do que a simpatia. Num colégio e, depois, num instituto superior prepararam-no para o pastorado evangélico. Embora dotado de uma formação religiosa, não sentiu vocação para o ministério sacerdotal e resolveu dedicar-se à agricultura, tanto pela sua viva atracção pela natureza, como pela influência que sobre ele exercera um seu avô, André, pastor evangélico de uma aldeia nos arredores de Zurique.

Consociou-se com Ana Shulthess, uma filha de comerciantes ricos, que partilhou das suas desventuras e das suas carências económicas. Mas, apesar do esforço e da tenacidade que ambos puseram na exploração de um domínio agrícola, nas proximidades de Brugg, denominado Neuhof, «nova herdade», tiveram que abandoná-lo, em face da incapacidade administrativa de Pestalozzi. É então que ele se consagra ao seu mister de educador para que sempre manifestara a mais ardente inclinação. Instalado no edifício e nos campos de Neuhof ali funda o primeiro instituto, com o fim de acolher os rapazes pobres e prepará-los para um futuro melhor, de acordo com os seus ideais. O ensino baseia-se não só no currículo habitual, cálculo, leitura, escrita e desenho, mas ainda na prática agrícola e na manufactura de fiação. Seria, em princípio, o trabalho dos alunos que devia sustentar a instituição.

Apesar da consagração total de Pestalozzi aos seus educandos e da excelência dos métodos de ensino que utiliza, seis anos depois o Instituto de Neuhof encerrava as suas portas. Faltavam ao seu director dotes administrativos que garantissem a continuidade da obra. Endividado, amargurado com a falência desta tentativa de renovação pedagógica e de altruísmo, torna-se escritor — escritor, no entanto, em que transparece o pedagogo.

Publica então *Leonardo e Gertrudes* que sob a ficção romanesca nos expõe os princípios e os aspectos da sua experiência pedagógica. Se este livro obteve um grande

êxito editorial já não sucede o mesmo com a sua continuação *Cristóvão e Elsa*.

Mas Pestalozzi não tinha outras aspirações senão a de mestre-escola. Como a ideologia da Revolução Francesa também abalasse a Suíça, constituiu-se um governo liberal de que participava como ministro da instrução, Filipe Stapfer, antigo companheiro de Pestalozzi na *Sociedade Helvética*, uma associação filantrópica. A cidade de Stanz, no cantão de Unterwald, sofrera das devastações do exército francês. Era preciso acudir às vítimas da guerra. O pedagogo aceita então o convite do ministro para ali fundar um asilo onde recolhesse os órfãos. Corria o ano de 1798 e, logo no ano seguinte, centenas de crianças abandonadas beneficiavam da mais profunda transformação física e moral, graças aos seus métodos educativos. Mas acendendo-se de novo o rastilho da guerra ele teve de deixar Stanz e a sua obra porque o edifício do asilo fora destinado a hospital militar... Mais uma vez se frustrava um dos empreendimentos em que pusera toda a sua paixão de educador.

Estes fracassos não enfraqueciam, porém, a sua inquebrantável energia. É nomeado professor-adjunto de uma escola de pobres em Burgdorf, não muito longe de Berna, no cantão de Emmental, cujo director acumulava as funções magistras com as da profissão de sapateiro. Os métodos de um e outro tinham naturalmente de se chocar. Pestalozzi é transferido para outra escola da cidade frequentada por filhos de burgueses. Como a sua personalidade e a sua compleição moral se impusessem a todos cederam-lhe o castelo, que datava do século VII, para ali fundar uma escola primária e uma escola normal. O estabelecimento abriu no ano de 1800 com um êxito que transpôs as fronteiras da Suíça. Nele ensinaram outros mestres de valor como Krusi e Johannes Niederer, o último dos quais se tornou inimigo irreductível de Pestalozzi. Todavia, a sua terceira experiência pedagógica terminava três anos depois com as mutações políticas que a Suíça acabava de sofrer: ao estado unitário sucedia a organização cantonal. Burgdorf passou a depender de um governo conservador que suspeitava do educador. E obrigaram-no a encerrar o instituto.

É, no entanto, em Iverdon, à beira do lago de Neuchâtel, numa estância termal bem conhecida e no castelo que pertenceu a Carlos Temerário, que Pestalozzi, já no fim da sua carreira (1805), realiza uma obra educativa de renome universal. Ali recebeu a visita de Madame de Stäel e de Froebel. O governo prussiano, interessado na renovação da sua organização escolar, mandou também a Iverdon um certo número de professores para se iniciarem nos métodos pestalozzianos. De Iverdon desejava o pedagogo fazer o «centro de desenvolvimento de um grande sistema de educação»². É naquela localidade que a sua obra atinge o apogeu que a imortalizou. Sob muitos aspectos o sistema ali praticado com a abolição dos castigos corporais e das recompensas, com a introdução da cultura física e de preceitos de higiene, com classes móveis e com ensino individualizado de acordo com as aptidões dos alunos, aproxima-se das escolas activas tal como as conceberam os educadores modernos.

Todavia, as ideias revolucionárias de Pestalozzi não tinham ainda encontrado o clima mais propício. Por um lado, o choque das suas inovações em contraste com as tradições da rotina escolar ainda muito fortes, por outro lado, as disputas no próprio corpo docente dos estabelecimentos, especialmente entre José Schmit, um dos seus mais íntimos colaboradores e Johannes Niederer, levaram o Instituto à decadência e ao seu encerramento (1817). Pestalozzi ainda no ano seguinte procurou restabelecer em Clindly o Instituto dos Pobres, um dos maiores sonhos da sua vida, que teve, porém, vida efémera.

Com esta última iniciativa podia dizer-se terminada uma obra extraordinária de educação, jamais realizada, se atendermos às circunstâncias e ao condicionamento da época em que viveu Pestalozzi.

O seu livro, *O Canto do Cisne*, publicado em 1826, é uma espécie de testamento pedagógico. Não lhe sobreviveu

² Pestalozzi — *Le chant du cygne suivi de mes destinées*, Éditions de la Baconnière, pág. 409.

Pestalozzi por muito tempo. Desaparecia, no ano seguinte, na cidade de Brugg, um dos maiores apóstolos da pedagogia contemporânea.

2 — Os princípios educativos de Pestalozzi

Pestalozzi intervém na história da Pedagogia e conseguiu uma audiência superior a qualquer outro dos educadores contemporâneos por ter sabido definir e praticar alguns dos princípios imutáveis do acto educativo. Afirmou ele que a educação da humanidade se consubstancia em reconhecer, manter e promover em cada um dos indivíduos a dignidade da pessoa humana.

As suas descobertas — descobertas para o seu tempo — têm hoje aceitação e validade em todos os ideários pedagógicos. Constituem aquisições que não estão sujeitas a revisão. Sobrelevam em importância os seus métodos, um tanto desactualizados, porque os processos didácticos estão sujeitos às influências, às necessidades e às tendências temporais.

Segundo a doutrina de Pestalozzi interessa mais a formação do carácter do que a aquisição de conhecimentos. A educação ou a superioridade do valor do ser humano sobrepõe-se à instrução ou ao conteúdo cultural.

A maneira de Rousseau condena o ensino verbalista. Desejava uma educação integral que formasse o coração, a cabeça e as mãos. Repete com insistência que a primeira e a mais duradoira de todas as educações é a recebida em casa dos pais. No ponto de vista metodológico a educação era para ele a arte de conduzir a criança das intuições fragmentárias e superficiais às intuições mais claras e mais distintas. Por fim, acredita que a educação moral é uma obra de amor e de fé despertando na criança a obediência à ordem estabelecida por Deus³.

Podem ordenar-se e classificar-se cinco princípios básicos na teoria pedagógica de Pestalozzi. O primeiro deles

³ L. Meylan, *Henri Pestalozzi*, in *Les grands pédagogues*, págs. 212-213.

consiste na espontaneidade do acto educativo. Para ele a educação do indivíduo é o auto-desenvolvimento das suas energias íntimas. O educando forma-se segundo as leis próprias da sua personalidade. A educação não lhe deve ser imposta: o objecto do aprendizado é um movimento da consciência individual. Compete-lhe escolher, conforme as suas inclinações, as matérias do ensino. Esta concepção implica a noção de liberdade do educando tão ardorosamente proclamada pelos pedagogos mais revolucionários do nosso tempo⁴.

Mas desde que se formule o acto pedagógico este tem de seguir um método. O método foi uma das preocupações mais instantes de Pestalozzi durante toda a sua vida consagrada à educação. Longe ainda dos elementos utilizáveis da psicologia contemporânea, que informam muitas das realidades pedagógicas, adivinha com aguda percepção as possibilidades do educando. Para ele o termo «psicologia» designa exactamente um desenvolvimento objectivo, gradual e preciso do aprendizado, pois os conhecimentos devem coadunar-se com as aptidões reveladas pelo aluno.

Em terceiro lugar, Pestalozzi liga ao termo «intuição» um significado próprio e original nos seus princípios. A criança deve fazer as coisas por si própria, formar as ideias mediante os actos que executa todos os dias. Tudo o que ela pode vir a ser, o homem do futuro, encontra-se em crisálida nas suas iniciativas.

No conceito gnosiológico de Kant, cuja obra exerceu profunda influência em Pestalozzi, «o nosso conhecimento experimental é um misto do que recebemos pelas impressões exteriores e do que a nossa própria faculdade de conhecer extrai de si própria no momento destas impressões».

Ora, segundo o pedagogo, a intuição do educando no acto pedagógico não se limita à percepção do conhecimento pelos sentidos, mas supõe também uma realização concreta da ideia como força modeladora que vive e actua nele⁵.

⁴ Paul Natorp, *Pestalozzi, su vida y sus ideas*, trad. esp. Editorial Labor, págs. 61-62.

⁵ Natorp, *op. cit.*, pág. 30.

Por «equilíbrio de forças» Pestalozzi entende uma educação que ponha em exercício o cérebro, o coração e as mãos, ou seja que cultive harmonicamente as diferentes faculdades humanas. A formação intelectual está ligada ao cérebro; a formação moral, a que o educador atribui a mais decisiva importância como emanção da presença de Deus, depende do coração e as práticas profissionais exigem o emprego das mãos.

Finalmente, considera a intervenção do educando na colectividade. É, porventura, quem primeiramente põe em relevo a necessidade de uma inserção social, não no sentido em que a admitia Rousseau no seu «Emílio», mas como uma das condições essenciais da actividade escolar. Acreditou ele na eficácia da educação para melhorar e transformar a sociedade. Pretendeu levar as crianças pobres, ainda que sem um plano coerente e objectivos bem definidos, até às posições sociais de maior relevo. Ao contrário dos seus predecessores, não as sujeitava às estratificações sociais e não formulava uma doutrina educativa aplicável exclusivamente a uma determinada classe.

Mas como Pestalozzi exerce o ofício de educador com o ardor de um apóstolado e com o sacrifício integral da sua personalidade é o amor do próximo, o amor pela humanidade que inspira todos os seus actos e todas as suas atitudes. Afirmou ele no seu testamento pedagógico:

«Numa palavra a fé e o amor são o alfa e ómega da humanidade, do significado humano considerado como o objectivo de uma formação natural e, portanto, elementar»⁶.

Era absolutamente contrário a tudo o que não movia o seu coração. Despreza a reflexão, a meditação, a circunspeção e a prudência — ou sejam todos os sentimentos calculistas. É por este motivo que no corpo das doutrinas pedagógicas o caso de Pestalozzi é absolutamente excepcional. O seu génio de educador constituía uma espécie de messianismo activo.

⁶ *Chant du cygne*, pág. 156.

3 — A concepção da Escola em Pestalozzi

Para compreendermos as doutrinas pedagógicas temos de as inserir na sua época ainda que obedecendo a princípios e a conceitos de valor permanente. Ora, no primeiro quartel do século XIX, a Escola ainda não era considerada uma actividade educativa fundamental. Estava longe do papel que desempenha nas sociedades modernas. Era para Pestalozzi um momento da educação mas não um sistema completo de formação como hoje se pretende. Concebia-se como um complemento da educação doméstica⁷.

A educação do lar reveste-se de grande importância para Pestalozzi. No seu ponto de vista a Escola prolongava o ambiente familiar. É o que nos expressa numa imagem literária:

«No lar o saber é como que o tronco da árvore para a instrução do homem. Dele devem partir todos os ramos dos conhecimentos, estudos e definições vitais para o homem como se fossem enxertados e injectados; mas se o tronco parece fraco e doente a seiva fica morta e os rebentos fenecem»⁸.

É no pai e na mãe que se consubstancia o amor e a inclinação para o amor. A educação privada é uma preocupação tão instantânea para Pestalozzi que no momento de fundar uma escola popular denomina-a «lar do povo». Toda a educação do género humano só teria validade quando se inspirasse na vida doméstica.

É especialmente a mãe que deve exercer a primeira e a mais eficaz das acções sobre as faculdades naturais da criança e prepará-la de antemão para a disciplina escolar. As deformações do ser infantil já se geram no lar, tanto no ponto de vista intelectual, como no ponto de vista moral. Entre as primeiras destacam-se a distração, a inquietude, a desatenção, as imprudências e a precipitação; entre as últimas a maldade petulante, a leviandade, as atitudes zombeteiras.

⁷ Luís Meylan, *Les grands pédagogues*, págs. 213-214.

⁸ Cit. in Natorp, pág. 116.

A Escola não poderá vencer nem atenuar as carências que provêm do berço como sejam a preguiça, a indolência e os sintomas de concupiscência. Apesar das recompensas e dos castigos dos professores, a formação do carácter do educando não atingirá a perfectibilidade que é apanágio do ambiente familiar. Apenas o recurso à educação religiosa seria o meio apropriado de conjugar aqueles vícios — pensava ainda Pestalozzi dentro do condicionalismo social do seu tempo. «A orientação da família está intimamente ligada à Escola e ao que nela se ensina» — escrevia ele⁹.

Assim a escola pestalozziana não é um factor educativo exclusivo mas uma segunda fase da educação doméstica alargada a novos conhecimentos ou a novas práticas de formação profissional. Esta directriz tinha uma tal importância na sua concepção pedagógica que lhe sugere o tema do romance didáctico, já citado, *Leonardo e Gerturdes*.

No entanto, ainda que nunca abandonando por completo a ideia da subordinação da educação escolar à ministrada no lar, já nos seus últimos escritos começa a atribuir-lhe uma função mais ampla de integração social. Precisa então as condições de uma boa formação escolar e insiste, sobretudo, na necessidade de preparar um magistério à altura da sua função.

Sempre pugnando pela elevação moral e social do povo e condenando os privilégios de certas classes, comparava a instrução que era então ministrada a um prédio cujo último piso resplandecesse num estilo perfeito mas só habitado por um reduzido número de pessoas; no segundo piso ainda viviam inquilinos mas faltavam as escadas que conduzissem ao superior; no piso de baixo amontoavam-se muitas pessoas abandonadas em lúgubres aposentos sem desfrutarem do direito de gozar o ar e a luz dos habitantes dos andares mais elevados¹⁰...

Na evolução das suas ideias pedagógicas Pestalozzi viria a considerar a Escola como uma instituição geral e nacional e como elemento primacial da organização da

⁹ *Chant du Cygne*, págs. 282-289.

¹⁰ Natorp, *op. cit.*, págs. 126-128.

sociedade. Era um precursor dos ideais da Revolução Francesa que atribuíam à Escola, aberta a todos os cidadãos, o principal papel na democratização dos povos...

4 — *A pedagogia social de Pestalozzi*

Pestalozzi inclinado para a definição das leis permanentes que regem a educação humana não formulou evidentemente uma doutrina sociológica que, só muito mais tarde, se impôs aos pedagogos. Dispomos, porém, na sua obra de elementos e sugestões que relacionam as ideias educativas com uma perspectiva social.

Começou ele por receber a influência de camadas populares de cuja sorte partilhou. Conviveu com o povo trabalhador, por vezes miserável, tanto no ponto de vista económico, como no ponto de vista social. Apercebeu-se de uma força adormecida que era preciso despertar. Afirmava que por intermédio da educação seria possível regenerar e valorizar toda uma classe desfavorecida. Antecedia assim os educadores do nosso tempo que confiam no poder da educação como factor de desenvolvimento sócio-económico.

Ainda muito jovem, como membro da «Sociedade Helvética dos Curtidores» e num opúsculo da sua autoria com o título de «Aspirações», já proclamava a necessidade de uma educação elementar para os camponeses e cidadãos das classes mais modestas. Foi também com o mesmo intuito que pôs em marcha todo um sistema educativo no Instituto para a educação de meninos pobres em Neuhof¹¹ e, mais tarde, ao lado de Iverdon, numa escola especialmente destinada às classes desprotegidas.

A sua intenção social está cabalmente demonstrada no amor que nutria pelo povo. Para ele a instrução e a elevação das camadas populares não podia ser considerada como uma benesse mas como uma obrigação. Todos os homens teriam o direito de exigir um género de vida humana e uma instrução adequada.

¹¹ Ver atrás pág. 1.

Antevendo as funções do Estado moderno pretendia que ele se preocupasse com a melhoria das condições económicas de todos os cidadãos e, em especial, não descursasse a educação.

Contudo não era tanto num sentido de promoção social, como agora se entende, que acolhia e protegia as crianças pobres. Não desejava que elas abandonassem o seu estado ou condição de pobreza mas se habilitassem a vencer pelo trabalho os obstáculos da existência... Deve-se, porém, evidenciar que o currículo escolar e os métodos empregados nas classes dos pobres foram exactamente os mesmos do instituto destinado às classes abastadas. E teve a surpresa de verificar que o aproveitamento daquelas excedia o destas. Nem Pestalozzi, nem os seus colaboradores julgaram que os meios pedagógicos pudessem superar as diferenças de nível social de classes tão afastadas¹².

Se bem que a «escola dos pobres» se afundasse na areia como todas as outras instituições criadas por Pestalozzi teve ela, pelo menos, o mérito probatório de revelar que os êxitos escolares não dependiam das condições de fortuna. O seu director só lamentava que os alunos mais desfavorecidos tivessem recebido uma educação em evidente desacordo com as carreiras e as posições que eles viriam a ocupar na sociedade... Sem querer, o pedagogo suíço inaugurava um novo conceito de educação popular.

Para Pestalozzi a educação moral assentava em fundamentos religiosos. Não aceitava, porém, que a formação espiritual do educando pudesse ser apenas vinculada com prelecções por via oral. Pelo contrário, tinha de ser exemplificada em regras práticas, isto é em realidades ao alcance da percepção infantil. O método era, pois, de suma importância para que se obtivessem resultados positivos.

Deus era para ele «a inteira expressão da pura essência moral do homem». Se o homem tiver fé em si próprio acreditará igualmente no poder divino e na imortalidade da

¹² Pestalozzi, *op. cit.*, pág. 441.

alma. A obediência a Deus é, portanto, um princípio inicial da instrução do homem¹³.

Não conhece outra fonte da crença em Deus a não ser a própria consciência moral do homem. Esta consciência afirma-se por acções caritativas como sejam as de ajudar os pobres e educar os órfãos, como se tivessem um pai. Deus revela-se para ele numa visão panteísta do mundo: «o sol, a lua, as estrelas, as flores do jardim, os frutos dos campos». É a profissão de fé de Rousseau, mas com um sentido mais ortodoxo.

A concepção teológica de Pestalozzi está presente em todas as manifestações da vida moral educando, quer no âmbito escolar, quer ainda na vida do lar.

5 — A educação elementar

A expressão «educação elementar» ou «formação elementar», tantas vezes empregada por Pestalozzi, não tem o mesmo significado do vocabulário pedagógico do nosso tempo. Não comporta sòmente os rudimentos iniciais da instrução primária, «o ler, escrever e contar», mas os princípios e os métodos de uma formação integral no triplo aspecto moral, intelectual e manual. «Elementar» tem pois em Pestalozzi o sentido de «essencial» porque na sua perspectiva pedagógica, como já vimos, eram inseparáveis aqueles três termos. Ainda nesta sua concepção educativa a escola pestalozziana — a escola pública — representa uma notável antecipação sobre as ideias correntes no seu tempo. Por isso, a personalidade do educador e as suas ideias tiveram uma projecção que difficilmente encontramos em outros pedagogos da época contemporânea.

«A ideia de formação elementar» — escreve Pestalozzi — é a que resulta da própria natureza humana. Os resultados desta ideia exteriorizam-se sem artifício, uns após outros, em todas as condições humanas, sob todos os aspectos e em todas as condições da vida real»¹⁴.

¹³ Natorp, *op. cit.*, págs. 129-130.

¹⁴ *Chant du Cygne*, pág. 274.

No pensamento, em que as contradições e as obscuridades são bem evidentes, a educação elementar devia ministrar-se em institutos bem organizados (certamente lembrava-se de Neuhof, Stanz, Burgdorf e Iverdon) onde professores e professoras de instrução primária levassem, tanto ao povo como ao seio da família, as experiências pedagógicas em que se tivessem aperfeiçoado.

Como se verifica, os termos *educação* e *ensino* estavam intimamente ligados na sua Ideia (a maiúscula pertence-lhe...) ou como ele próprio nos expressa «os meios essenciais de uma educação e de um ensino práticos»¹⁵.

No ponto de vista curricular as matérias que mais o preocupavam eram a doutrina das «formas e números» e a «ciência elementar da linguagem». Ou sejam os meios de comunicação que depois se vulgarizaram na escola primária¹⁶.

No primeiro aspecto, um dos melhores colaboradores de Pestalozzi foi um certo José Schmit que ele considerava «a pedra angular do seu Instituto». Era um professor especialmente dotado para o cálculo. Uniformizou as tábuas de cálculo numa doutrina de números e de formas que demonstrava uma grande habilidade. Schmit era tanto mais de prezar quanto Pestalozzi, apesar do seu talento de educador, não sabia calcular, nem contar, nem medir!»¹⁷.

No entanto, em todos os seus escritos, «a educação elementar» tem sempre o sentido de «educação ou formação integral». No raciocínio de Pestalozzi estava ímplicita uma ideia de desenvolvimento e de aperfeiçoamento de todas as faculdades e aptidões humanas, tanto intelectuais, como afectivas e manuais. Ou o que ele no seu vocabulário, por vezes impreciso, designa «o espírito», «o coração» e «as mãos».

Estas faculdades e aptidões provêm de uma força interior do homem movida pela ânsia irreprímível de perfeição. Não se podem isolar, nem se cultivarem, umas sem o con-

¹⁵ *Id.*, págs. 307-308.

¹⁶ *Ib.*, págs. 279-298.

¹⁷ *Ib.*, pág. 327.

curso das outras. Tal processo seria um simulacro de educação, soando falsamente como címbalos de bronze... Pelo contrário, a verdadeira educação obedece essencialmente a uma tendência para a modelação das forças íntimas da natureza humana, segundo leis imutáveis. «Aquilo que Deus juntou no ser humano não pode ser separado» — resumia Pestalozzi.

Qualquer desequilíbrio provocado pelo exercício de uma faculdade, com prejuízo das outras, estimularia nela exigências que naturalmente se encontram amortecidas. É o que acontece — exemplifica ele — com os que levam até ao extremo os sentimentos do coração e da fé como os que por um frio egoísmo abrem à inteligência um campo demasiadamente livre...

«A Ideia da formação elementar — concui Pestalozzi — entrevista com justeza, não é mais do que o resultado a que chega o género humano, quando a obra de desenvolvimento e maturação das nossas forças e aptidões, consegue que a acção da natureza beneficie do apoio que são susceptíveis de lhe trazer o amor esclarecido, a inteligência cultivada e as luzes da arte, tudo coisas próprias da nossa espécie»¹⁸.

O apostolado de Pestalozzi representa um assinalado progresso na evolução das ideias pedagógicas porque em vez de pugnar por uma formação educativa dirigida a um grupo social, a uma classe ou a uma profissão considera nela todas as infinitas possibilidades do ser humano.

Ávila de Azevedo

¹⁸ *Le Chant du Cygne*, págs. 18-19.